



Professor Feijó

Curiosidades Sobre Futebol

Luiz César Saraiva Feijó vem pesquisando a linguagem especial do futebol há muitos anos. Seus primeiros trabalhos a respeito apareceram no jornal O Diário de Notícias, do Rio de Janeiro (já fora de circulação há alguns anos), entre 1963 e 1964. Publicou, em 1965, na Miscelânea Filológica Em Honra À Memória do Professor Clóvis Monteiro, o seu primeiro trabalho acadêmico, intitulado **Aspectos da gíria no futebol**.



ARÁGANO, adj. (RS) Diz-se do jogador difícil de ser marcado. Está registrado no Dicionário da Bola da Revista PLACAR.

Mas vamos comentar este termo, que, mesmo sendo usado raras vezes, merece maiores explicações.

Na realidade o adjetivo é HARAGANO, paroxítono e não proparoxítono como consta no referido Dicionário. Existe também a forma ARAGANO, adjetivo paroxítono. HARAGANO é forma existente na língua portuguesa desde o final do século XIX e significa “que se torna arisco, por andar muito tempo solto” (diz-se de cavalo). Em linguagem figurada, metafórica, significa “que vive ocioso ou que evita o trabalho” (diz-se de pessoa). A forma vem do espanhol platino *aragán*, que foge do trabalho e vive no ócio. Talvez tenha vindo do castelhano antigo *harón*, século XII, significando indolente. Em árabe, *harun*, significa animal, cavalo que empaca. Segundo Corominas, é provável que a forma resulte de uma alteração dessa palavra com troca de sufixo. Na linguagem do futebol do Rio Grande do Sul, região de influência da língua espanhola, principalmente na área das fazendas de criação de equinos, diz-se do jogador de futebol muito arisco, difícil de ser marcado, portanto, em comparação com os cavalos, num significado que migrou da linguagem animal (cavalo) para a de pessoas. E mais. A pronúncia proparoxítona não é comum na linguagem popular, sendo mais um mistério lingüístico nos termos especiais usados por este fantástico esporte de massas, que é o futebol.

Aconteceu aos 45 minutos do segundo tempo - Aconteceu no final da partida de futebol. Na gíria da língua geral, diz-se quando algo só foi resolvido no último instante possível.

Agora é só correr para o abraço - Expressão usada por muitos narradores de partidas de futebol, pelo rádio ou pela televisão. Mais uma vez, o prestígio desse fabuloso esporte de massas faz reproduzir na gíria da língua geral essa expressão, quando alguém fez tudo certo e agora só vai receber os cumprimentos pelo que realizou, comemorar.

Bate um bolão - Diz-se de um jogador que está atravessando uma excelente fase. Na gíria da língua geral, diz-se quando alguém que é muito bom em determinada coisa.

Bater na trave - A bola quase entrou na meta, mas não foi gol. Essa imagem do futebol fez surgir na gíria da língua comum o sentido de quase acontecer/conseguir algo.

Chutar - (V. CHUTE) No futebol é tocar na bola com força, numa direção qualquer. Na gíria da língua comum é desprezar alguém; afirmar alguma coisa sem ter certeza, mentir.

Comer (a) bola - No futebol significa jogar muito bem. Passou para a gíria da língua comum como: a) falar ou fazer algo inconveniente sem perceber; b) vacilar, deixar alguma chance passar ou ser enganado.

Dar bola a - No futebol é lançar a bola a um jogador companheiro. Na gíria comum é dar confiança a; dar entrada a, para namoro (aplica-se às mulheres).

Deixar fora da jogada - Um drible desconcertante deixa o adversário completamente fora da jogada, mesmo! Na gíria da língua geral é excluir alguém.

Deixar no banco - O técnico pode contar com alguns jogadores para serem usados durante o decorrer do jogo. Eles ficam sentados no banco. Na gíria da língua comum é deixar algo/alguém em segundo plano.

Entrar de sola - Jogada brusca, punida pelo juiz com um tiro direto. Na gíria da língua geral é ir direto ao assunto, sem fazer cerimônia.

Ficar/deixar pra escanteio - No futebol é um recurso legítimo para se desfazer da bola, jogando-a pela linha de fundo. Na gíria da língua comum significa deixar algo/alguém de lado, esquecido.

Freguês - No futebol, diz-se que um time é freguês do outro, quando uma equipe perde seguidas vezes para esse outra equipe. Do futebol passou para a gíria da língua comum, em qualquer situação em que ocorra um insucesso constante.

Marcar um gol - Do futebol para a gíria da língua geral, com o mesmo sentido. Neste caso presentifica-se o grande prestígio de futebol, influenciando falares neutros. Portanto, significa conseguir atingir um objetivo, principalmente quando foi difícil conseguir tal coisa.

Na marca do pênalti - No futebol significa que a bola está prestes a entrar no gol adversário, pois pênalti é coisa que não se perde... Na gíria da língua comum significa última alternativa para alguma situação, única maneira de se resolver algo; quando alguém está pronto para tomar alguma decisão importante.

Pendurar as chuteiras - O jogador que se aposenta, pendura seu instrumento de trabalho, as chuteiras. O prestígio do futebol estendeu esse significado para todas as profissões, num linguajar de gíria. Aposentar-se.

Pimba na gorduchinha - (Ver GORDUCHINHA) Expressão criada pelo locutor Osmar Santos. Pimba é o chute. Gorduchinha é a bola. A expressão saiu do futebol e significa, na gíria comum, ter de fazer algo rápido por falta de tempo, equivalendo a uma outra gíria vapt-vupt, também recuperada pela linguagem dos meios de comunicação (de um programa humorístico), numa espécie de pingue-pongue de usos distintos desses termos.

Pisar na bola - Diz-se, no futebol, que isso é coisa de quem não sabe jogar. Ora, onde se viu alguém pisar em cima da bola. É tombo certo! Logo, na gíria da língua geral, quando alguém pisa na bola, é sinal de que fez algo errado, condenável.

Tá na área e se derrubar é pênalti - É claro que se isso acontecer num jogo de futebol, é pênalti, mesmo. Na gíria da língua geral: é quando falta só um detalhe para alguma coisa ser concluída.

Tirar o time de campo - Quem manda o time sair de campo se responsabiliza por esta indisciplina e desiste da competição. Assim, reproduz-se, na gíria da língua geral, com o sentido de desistir de algo.

Um a zero para mim - É um placar (V.) minguado, mas vale uma vitória... A gíria da língua comum se apropriou disso e diz que é quando alguém está em uma situação de vantagem.

Vestir a camisa - Com o advento do profissionalismo no futebol, os jogadores passam, constantemente, de um time para outro, assinando contratos novos, ao fim ou no meio de algumas temporadas. Assim, perde-se o romantismo do ideal e amor a camisa do clube, objeto emblemático, ícone verdadeiramente desencadeador de paixões e delírios, amor e deslumbramento pelos clubes. Hoje, isso é muito raro. As cenas de jogadores que mudam de time, beijando a camisa da nova equipe é um ato mais de marketing do que de sinceridade, fidelidade, intimismo ou amor verdadeiro. Na gíria da língua comum, diz-se de quem acredita e defende alguma coisa, algum ideal.

Zona do agrião (V.) - Expressão criada por João Saldanha. Refere-se à grande área, local onde ocorrem jogadas importantes para o ataque e para a defesa. O local (zona) onde é plantado o agrião é um local pantanoso, portanto perigoso de se pisar. Com esse sentido é usada na gíria comum.

1- O alviverde precisou esperar 23 anos para conquistar o primeiro título estadual. A fila valeu para o Goiás o apelido de "time dos 33 torcedores". "Lá vai a Rural com os 33", diziam os adversários do Goiás. Cinco anos mais tarde o Goiás era de novo o melhor do Estado e no ano seguinte conquistou o bi. A partir de 1975, ano em que o Serra Dourada foi inaugurado, a história do alviverde mudaria da água para o vinho. A equipe levantou 12 títulos nos 25 anos de decisões no Serra.

2 - É que na querência de ganhar o jogo, acabam acontecendo coisas desse tipo." (Romário, no jogo Flamengo 4 x 1 Americano, do dia 19/02/97, quando

perguntado sobre sua discussão com Junior Baiano, nesse jogo).

3 - "Comigo ou sem migo o Corinthians será campeão." (Vicente Matheus, ex-presidente do Corinthians).

4 - "O Sócrates é invendável e imprestável." (Vicente Matheus, ex-presidente do Corinthians).

5 - "Não me venham com a problemática que eu tenho a solucionática." (Dadá Maravilha, ex-jogador).

6 - "Tenho o maior orgulho de jogar na terra onde Cristo nasceu." (Claudiomiro, do Internacional (RS), quando chegou à Belém do Pará para enfrentar o Paissandu, em 1972).

7 - "Quem nunca agrediu uma mulher?" (Josimar, ex-lateral do Botafogo).

8 - "E aí, King, tudo bem?" (Mário Trigo, médico brasileiro em 58, após abraçar efusivamente o rei Gustavo da Suécia que entregava a taça aos brasileiros).

9 - "Se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano terminava empatado." (Neném Prancha - ex-roupeiro do Botafogo e filósofo da bola).

10 - "O pênalti é tão importante que devia ser cobrado pelo presidente do clube." (Neném Prancha - ex-roupeiro do Botafogo e filósofo da bola).

11 - "Clássico é clássico e vice-versa." (Jardel - ex-atacante do Grêmio e atualmente no Porto).

12 - "Somente três coisas param no ar: o beija-flor, o helicóptero e eu." (Dadá Maravilha - ex-jogador).

Paulo Mendes Campos conta como um angu à baiana atrapalhou seu plano de escrever sobre Garrincha.

"Logo depois da Copa de 58, pensei em escrever um livro sobre Garrincha. Através do Sandro Moreira, eu o procurei num treino do Botafogo, e ele concordou com o plano, convidando-me, para início de conversa, a almoçar em sua casa, em Pau Grande, daí a dois dias.

Mas perguntou logo se eu gostava de angu à baiana, e não precisei mentir por delicadeza: adoro angu à baiana. Acrescentou com um sorriso contente que ele mesmo se encarregava de fazer a batida de limão. E arranjaría cervejinha bem gelada. Conforme combinado, passei de manhã no clube, depois do individual, e Mane veio me pedir desculpas: não haveria o almoço, sua senhora estava doente, ficava para outro dia. Sandro começou a rir quando lhe contei a história. Doente coisa nenhuma! Na verdade, quando Garrincha disse em casa que tinha convidado um escritor para comer um angu à baiana, sua senhora protestou, ele agira mal, escritor deve comer galinha ao molho pardo. Digo de passagem que o livro não morreu por causa da galinha, mas porque, como todos sabem, Garrincha é o mais perfeito driblador da história do futebol. Eu não tinha saúde para marca-lo". O Globo, abril de 1959.

CURIOSIDADES SOBRE AS 17 COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL

1ª Copa do Mundo. URUGUAI – 1930. (País Campeão: Uruguai)

- Uruguai. Substantivo masculino. Nome de país e de rio. Prende-se ao guarani, mas não há plena certeza de sua etimologia. Pela interpretação de Montoya, seria ü ru'gwai, o canal por onde vai a madre do rio. Contudo, segundo Antenor Nascentes, há certa correlação entre Paraguai e Uruguai ou, talvez melhor, Uruguai, como escreveu Basílio da Gama em seu poema épico. No final existe o elemento ü, água, rio. E o grande filólogo brasileiro indaga: teria Uruguai sofrido a analogia de Paraguai ou teria havido uma assimilação em Uruguai?

2ª Copa do Mundo. ITÁLIA – 1934. (País Campeão: Itália)

- Fascismo. Do italiano fascismo. Sistema político implantado na Itália por Mussolini. A palavra tem origem no latim fasces, ium, fasces, substantivo masculino, plural (V. Pluralia Tantum, Capítulo 4). Feixe de varas dos antigos romanos. O emblema do fascismo era justamente este feixe de varas com uma machadinha no centro. Na Roma antiga o fasces era um amarrado de feixes de varas em torno de um machado e levado pelos lictores, acompanhantes dos cônsules. O fasces representava o direito que os cônsules tinham de aplicar punições. Era um símbolo muito forte, pois remetia à força do machado ceifando a lenha. Uma guarda dessa época sempre precedia também os magistrados, resguardando-os de alguma manifestação popular ou, muitas vezes, por mero ritualismo. Essa guarda era constituída pelos lictores portando o fasces, abrindo caminho em meio ao povo. Quando do embarque da Seleção brasileira de futebol para disputar a segunda Copa do Mundo de Futebol, em 1934, Getúlio Vargas disse à delegação: “Tomai como exemplo de conduta a Itália, transformada e rejuvenescida pelo fascismo”. Na camisa oficial da Seleção Italiana de Futebol estava bordado o símbolo do fascismo, o fasces. Atualmente, não.
- Azzurra. Nome como é carinhosamente conhecida a Seleção Italiana de Futebol. Prende-se ao azul da sua camisa oficial. Azzurro, em italiano é azul. Azul vem do persa lāzwārd ou lajward, pelo árabe lazurd, com variação popular lazaward. Houve deglutinação (aférese ou queda de um fonema etimológico inicial de uma palavra) do / L /, tomado como artigo. O fenômeno da deglutinação ou aférese ocorreu em alguns vocábulos, na passagem do latim para o português e em algumas outras línguas neolatinas, por metanálise. Assim, em português, obispo deu bispo; abatina deu batina; horologiu deu relógio, etc.

3ª Copa do Mundo. FRANÇA - 1938. (País Campeão: Itália)

- França. Substantivo feminino. O nome desse país da Europa vem da forma latinizada Francia, tirada de Frank, nome de povo, mais sufixo –ia.
- Galo. O galo é conhecido como emblema da altivez – o que é justificado pela postura do animal – e como emblema da França. A ave aparece ao lado de Mercúrio, em algumas representações figuradas galo-romanas e também em moedas gaulesas. Gallia é o nome latino do território que, aproximadamente, coincide com o da atual França, e hoje é também empregado como sinônimo deste país. A Gália constituiu uma província romana. Quando os romanos chegaram na região, que hoje compreende, aproximadamente, o território francês, entraram em contato com os gauleses, seus habitantes, e perceberam que eles divinizavam o animal galo. Em latim, gallus significa galo (ave), que deu em português, galo; em espanhol, gallo; em italiano, gallo; em francês, jal. Já o termo francês “coq” é uma onomatopéia, e não deriva do étimo latino gallus. A gravura do galo no uniforme oficial da Seleção de Futebol da França é uma homenagem ao passado e um meio de marcar culturalmente a história da França. O galo é uma figura emblemática na França.

4ª Copa do Mundo. BRASIL – 1950. (País Campeão: Uruguai)

- Brasil. Substantivo masculino. É o único país no mundo que tem nome de árvore, o “pau brasil”, de onde provém o nome próprio Brasil, nossa pátria. Brasil deriva de brasa, pois da madeira extraía-se uma resina vermelha, que era utilizada como tinta, com inúmeros usos. O nome que os índios tupis davam à árvore pau-brasil, leguminosa caesalpinia echinata, era ibirapitanga, de ibi'ra, pau e pitanga, vermelho.
- Rio de Janeiro. O nome da cidade, estado e baía provém do descobrimento do local no primeiro dia do mês de janeiro em ano controverso. Ou foi em 1502, 1531 ou 1532. Pareceu tratar-se da foz de um grande rio, daí Rio de Janeiro. Seu descobridor foi André Gonçalves (1502) ou Martim Afonso de Sousa (1531 ou 1532). Ver também Niterói, in Antenor Nascentes, D.E.L.P., Vol. 2.
- Maracanã. No Rio de Janeiro, célebre estádio de futebol, o maior do mundo. Construído em 1950, foi palco da final da 4ª Copa do Mundo de Futebol. Nome do rio que deu nome ao bairro e ao próprio estádio, oficialmente chamado de Mário Filho. Maracanã vem do tupi, maraka'nã, o papagaio.

5ª Copa do Mundo. SUÍÇA – 1954. (País Campeão: Alemanha)

- Suíça. Substantivo feminino. Do francês Suisse. A forma francesa deve-se ao nome de um dos principais cantões que se associaram e se constituiu na Confederação Helvética, nome oficial da atual Suíça. Normalmente as bandeiras oficiais de cada país reproduzem nas camisas e nos uniformes das suas seleções os principais motivos heráldicos, com suas cores, formas e inscrições. “A bandeira da Suíça encontra a sua origem histórica nos estandartes utilizados pelo Santo Império Romano-germânico, tendo por isso uma forte conotação cristã. A cruz branca representava o papel do Imperador como protetor da Cristandade. No entanto, existem várias outras teorias que explicam a origem da bandeira da Suíça. Uma delas diz que o símbolo da cruz

branca em fundo encarnado era utilizado pelas tropas dos diferentes cantões suíços em caso de guerras contra inimigos comuns. Apesar dessa origem histórica, a atual bandeira da Suíça só passou a ser oficialmente reconhecida pela Constituição em 1848, depois de o General Henri-Guillaume Dufour, comandante-in-chefe das tropas Suíças, ter lançado a idéia de uma bandeira comum aos Estados da confederação. No século XVIII, a bandeira da Suíça continha o lema Honor et Fidelitatis, tradicionalmente associado à liberdade, à honra e à fidelidade. Hoje em dia, a bandeira é associada à neutralidade, à democracia, à paz e ao asilo". (Colaboração de Carlos Miguel Coelho: ccoelho@europarl.eu.int)

· O emblema na camisa da Seleção. O escudo bordado na camisa da Seleção de futebol da Suíça apresenta uma cruz branca num fundo vermelho. O símbolo da Cruz Vermelha Internacional está intimamente ligado a esse emblema. É uma cruz vermelha em fundo branco. O desenho foi decidido nas Convenções de Genebra. O símbolo é exclusivo da entidade. É crime utilizá-lo para outros fins, que não os determinados pela entidade. Em junho de 1859, um negociante suíço chamado Henry Dunant ficou impressionado com o abandono dos feridos no campo de batalha de Solferino, no Norte da Itália. De sua luta para a implantação de um voluntariado que pudesse socorrer os feridos surgiu um grupo constituído por integrantes suíços, advogados, banqueiros, médicos e militares de alta patente, que idealizaram uma organização filantrópica para socorro às vítimas da guerra. O Comitê Internacional de Socorro a Feridos, que mais tarde se transformou no Comitê Internacional da Cruz Vermelha surgiu após a realização da Conferência Internacional de Genebra. Em 23 de outubro de 1863, no primeiro encontro entre o Comitê e representantes de 16 países foi decidido que cada país montaria o seu órgão nacional. O símbolo escolhido para a organização foi uma cruz vermelha sobre um fundo branco, uma homenagem à bandeira da Suíça, com suas cores invertidas.

6ª Copa do Mundo. SUÉCIA – 1958. (País Campeão: Brasil)

· Suécia. Substantivo feminino. País do Norte da Europa. Do italiano Svezia, relacionado ao sueco Sverige, reino dos suevos, povo germânico.

· Paulo Mendes Campos conta como um angu à baiana atrapalhou seu plano de escrever sobre Garrincha, campeão do mundo na Suécia. Assim o nosso grande cronista relata esse interessante episódio, publicado no jornal O Globo, em abril de 1959. Diz ele: "Logo depois da Copa de 58, pensei em escrever um livro sobre Garrincha. Através do Sandro Moreira, eu o procurei num treino do Botafogo, e ele concordou com o plano, convidando-me, para início de conversa, a almoçar em sua casa, em Pau Grande, daí a dois dias. Mas perguntou logo se eu gostava de angu à baiana, e não precisei mentir por delicadeza: adoro angu à baiana. Acrescentou com um sorriso contente que ele mesmo se encarregava de fazer a batida de limão. E arranjaría cervejinha bem gelada. Conforme combinado, passei de manhã no clube, depois do individual, e Mane veio me pedir desculpas: não haveria o almoço, sua senhora estava doente, ficava para outro dia. Sandro começou a rir quando lhe contei a história. Doente coisa nenhuma! Na verdade, quando Garrincha disse em casa que tinha convidado um escritor para comer um angu à baiana, sua senhora protestou, ele agira mal, escritor deve comer galinha ao molho pardo. Digo de passagem que o livro não morreu por causa da galinha, mas porque, como todos sabem, Garrincha é o mais perfeito driblador da história do futebol. Eu não tinha saúde para marcá-lo".

7ª Copa do Mundo. CHILE – 1962. (País Campeão: Brasil)

Substantivo masculino. País da América do Sul. Segundo Nascentes, o nome, primitivamente se aplicou ao vale do rio Aconcágua. A origem do nome desse país é duvidosa. É nome também de um rio e Juan Durand (Etimologias peruanas, La Paz, 1921) derivou o nome do rio Chile de uma palavra aimará que significa frio, o que é admissível, segundo Nascentes, pois pode tratar-se de um rio de águas frias, resultantes do degelo das neves andinas.

Garrincha. Substantivo feminino. Ave conhecida como cambaxirra. De origem duvidosa, talvez uma alteração de garrica, também designando o pássaro cambaxirra. Pode ter sua origem em carriça, substantivo feminino também designativo da ave cambaxirra. Carriça vem de carriço com troca da vogal temática –o para –a, tomada como desinência de feminino. Já carriço, substantivo masculino, vem do latim vulgar cariceum (lat. carex, icis, tábua, espadana ou junco das lagoas). Cf. Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss. Talvez o junco tenha algo a ver com as pernas do pássaro, levemente arqueadas e tortas, como às do jogador. Garrincha, "o demônio das pernas tortas", era o apelido de Manoel Francisco dos Santos, um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos, o grande condutor da Seleção Brasileira nos gramados do Chile, onde o Brasil conquistou o bicampeonato mundial de futebol.

8ª Copa do Mundo. INGLATERRA – 1966. (País Campeão: Inglaterra)

· Inglaterra. Substantivo feminino. Segundo Nascentes, nome comumente usado do país da Europa que oficialmente se chama Grã-Bretanha (Great Britain). A origem se prende ao neologismo latino Angla Terra, terra angla, terra dos anglos. Vernaculamente, temos a forma haplológica England, com o mesmo significado. England foi o nome que passou a ter a Bretanha depois da invasão angla no século VI.

9ª Copa do Mundo. MÉXICO – 1970. (País Campeão: Brasil)

México. Substantivo masculino. País e cidade da América. Segundo Nascentes, citando Peñafiel, Nombres geográficos, México vem da língua nauatle Mexitli, cognome de Uitzilopotxtli, deus da guerra, mais co, que significa em, junto. Esse nome foi dado à cidade asteca de Tenochtitlan, por causa da santidade do templo daquele deus da guerra.

Taça Jules Rimet. Jules Rimet (1873-1956) foi presidente da Federação Francesa de Futebol, de 1919 a 1945 e da FIFA, de 1921 a 1954. “Durante o Congresso da FIFA, 28 de maio de 1928, época dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, por proposta do Comitê Executivo daquele órgão ficou decidido levar a efeito um campeonato mundial de futebol. Apareceram, então, seis países candidatos a realizar o primeiro certame: Hungria, Itália, Holanda, Espanha, Suécia e Uruguai. No Congresso de Barcelona, em 1929, a FIFA fixou o ano seguinte para a disputa da Primeira Copa do Mundo, escolhendo o Uruguai como sede da referida disputa. A escolha fundamentou-se em três motivos: prestígio do futebol uruguaio como campeão olímpico em 1924 e 1927; o Uruguai comemoraria em 1930 o centenário de sua independência, além da Associação Uruguaia de Futebol oferecer vantagens financeiras aos participantes. Decidida a promoção do mundial, Jules Rimet, ainda em 1929, idealizou – o que foi uma das últimas providências para concretização do seu sonho - confecção de uma bela taça. A obra foi executada pelo artesão Abel Lafleur, em Paris, que depois, por decisão do Congresso da FIFA, realizado em Luxemburgo (01.07.1946) levaria o nome de Jules Rimet. O rico troféu representava uma Vitória alada, levando em suas mãos, levantadas sobre a cabeça, um vaso octogonal em forma de copa. Era de ouro puro com um quilo e oitocentos gramas e seu peso total correspondia a quatro quilos, com trinta centímetros de altura, incluindo a base de mármore em que se apoiava. Ao pé desta, em placas especiais, passaram a figurar o nome gravado dos vencedores dos mundiais realizados até 1970. Os nomes são: 1930 (Uruguai), 1934 (Itália), 1938 (Itália), 1950 (Uruguai), 1954 (Alemanha), 1958 (BRASIL), 1962 (BRASIL), 1966 (Inglaterra), 1970 (BRASIL). O Brasil ficou de posse definitiva da taça Jules Rimet por ter conquistado seu tri-campeonato. A taça Jules Rimet ficou pronta em abril de 1939, antes da primeira copa do mundo, e os gastos totais atingiram 50 mil francos, uma fortuna para a época. O belo troféu, que havia sido mantido escondido na Segunda Grande Guerra Mundial pelo desportista italiano Otorino Barassi, foi roubado na Inglaterra, em 1966, mas logo recuperado.

Infelizmente desapareceu da sede da CBF, no Rio de Janeiro, no final de 1983. E para decepção dos desportistas brasileiros, a imprensa anunciou no dia 28 de janeiro de 1984 que a taça Jules Rimet havia sido derretida no dia seguinte ao roubo, juntamente com outros troféus ganhos pelo futebol brasileiro. Com a conquista em definitivo da Taça Jules Rimet pelo Brasil, foi instituído um novo troféu para o mundial de 74. O Comitê Executivo da FIFA, reunido na cidade de Atenas, janeiro de 1971, deliberou a confecção de uma nova taça, com a denominação de Copa Mundial da FIFA. Após uma comissão especial examinar projetos apresentados por 53 empresas européias de sete países, decidiu pelo projeto da Companhia Bertoni de Milão. O autor do projeto vitorioso foi o milanês Silvio Gazzaniga, chefe da firma Bertoni, e com passagem pela Escola Superior de Artes de Milão. A Copa Mundial simboliza a força e a pureza das disputas esportivas mundiais, representadas por dois atletas segurando o globo terrestre. É de ouro maciço 18 quilates, pesando cinco quilos e medindo 49 centímetros de altura, incluindo a sua base. Na aludida base existe espaço para registro de 18 vencedores de Copas, a contar de 1974 (Alemanha) o primeiro campeão da nova taça. Depois tivemos em 1978 (Argentina), 1982 (Itália). 1986 (Argentina), 1990 (Alemanha), 1994 (BRASIL), 1998 (França) e 2002 (BRASIL). Em 71, o custo do novo troféu foi de 20 mil dólares. Ao contrário da taça Jules Rimet, a Copa Mundial não ficará em definitivo, em poder de nenhum país. O vencedor de cada mundial manterá a posse da original por quatro anos. Depois disso, receberá uma réplica, apenas banhada em ouro, que reterá definitivamente”. (Fonte: Museu dos Esportes: História das Copas do Mundo de Futebol)

10ª Copa do Mundo. ALEMANHA – 1974. (País Campeão: Alemanha)

Alemanha. Substantivo feminino. País da Europa. Terra dos alamanos. Do latim *Alamania*, *Alemania*. Pode ter origem no francês *Allemagne* ou do espanhol *Alemania*.

11ª Copa do Mundo. ARGENTINA – 1978. (País Campeão: Argentina)

Argentina. Substantivo feminino. País da América do Sul. Argentina deriva do adjetivo *argentino*, de prata. A cidade fica nas margens do rio da Prata. O rio recebeu este nome em 1526 do piloto Sebastião Caboto, por causa da prata que ele encontrou em poder dos nativos e que, na realidade, havia sido roubada da expedição do português Aleixo Garcia.

12ª Copa do Mundo. ESPANHA – 1982. (País Campeão: Itália)

Espanha. Substantivo feminino. País da Europa. Para a origem do nome surgem muitas hipóteses. O étimo mais aceito é o fenício *span*, que significa coelho, que em latim deu *Spania*. Em muitas medalhas do tempo de Adriano, que era espanhol de nascimento, a Espanha é representada por uma mulher

sentada, tendo aos pés um coelho. A palavra Espanha designou primitivamente a península Ibérica, conforme pode ser lido em Camões, *Lusíadas*, I, 31, 2. O nome Espanha já foi empregado no plural por Júlio César, para designar o conjunto de suas duas divisões: a Hispania Ulterior, além de Ebro, compreendendo à Bética e à Lusitânia, e a Hispania Citerior, aquém do Ebro, também chamada Tarraconense.

· Itália. Substantivo feminino. País da Europa. Itália, segundo Nascentes, deriva do nome de um povo que primitivamente habitou o território, os ítalos. Há muitas histórias, lendas mesmo, sobre o nome deste país. Citaremos algumas. Apolodoro, em *Fragmenta historicorum graecorum*, conta que um touro jogado ao mar, perto de Régio da Calábria, foi nadando velozmente em direção à Sicília e toda a terra próxima da ilha ficou sendo chamada de Itália, porque os tirrenos chamavam ítalos ao touro. Ainda em *Fragmenta historicorum graecorum*, Aristóteles conta que um certo Ítalo se tornou rei da Enótria e por isso os enótrios mudaram seu nome para ítalos e a costa europeia entre os golfos Lamético e Cilético, na Calábria, tomou o nome de Itália. Aulo Gélio, em *Noites áticas*, diz que Timeu, nas Histórias que compôs em grego acerca do povo romano, e M. Varrão, nas *Antiguidades das Coisas Humanas*, escreveram que o nome da terra da Itália vinha de um vocábulo grego, pois os bois eram chamados italoí na velha língua grega e havia muito deles na Itália.

13ª Copa do Mundo. MÉXICO – 1986. (País Campeão: Argentina)

· O México tornou-se, em 1986, o primeiro país a organizar um Campeonato Mundial de Futebol pela segunda vez, por desistência da Colômbia que alegou falta de segurança pela enorme crise interna que atravessava e principalmente por motivos econômicos. O Brasil bem que tentou substituir a Colômbia, mas o então presidente João Figueiredo foi contra, alegando, também, motivos econômicos.

14ª Copa do Mundo. ITÁLIA – 1990. (País Campeão: Alemanha)

· A Alemanha Ocidental conquistou o tricampeonato, jogando a final com a Argentina e vencendo por 1 a 0. Foi a primeira vez na história das Copas do Mundo em que se repetiram as seleções da final anterior. Em 1986, Argentina e Alemanha se enfrentaram no México, e o a Argentina venceu por 3 a 2.

15ª Copa do Mundo. ESTADOS UNIDOS – 1994. (País Campeão: Brasil)

· Foi o tetracampeonato do Brasil. A final foi uma repetição da final de 1970. Brasil e Itália. Deu Brasil de novo. Desta vez o Brasil ganhou nos pênaltis.

16ª Copa do Mundo. FRANÇA – 1998. (País Campeão: França)

· O Brasil fez a final com a França e perdeu por 3 a 1, num dos mais inexplicáveis acontecimentos envolvendo um craque de futebol, numa competição desse nível, como foi o caso de Ronaldo, o fenômeno.

17ª Copa do Mundo. JAPÃO e CORÉIA DO SUL – 2002. (País Campeão: Brasil)

· Foi o pentacampeonato do Brasil. Pela primeira vez uma Copa do Mundo foi realizada no continente asiático e em dois países concomitantemente.

· Japão. Substantivo masculino. País da Ásia. O nome significa na língua japonesa origem do sol, nascer do sol, sol nascente. O veneziano Marco Pólo (1254 – 1323) foi o primeiro europeu a visitar o Extremo Oriente e deu o nome de Cipangu à ilha de Nipon (O Japão). A forma pela qual a grande nação asiática é conhecida na Europa foi difundida pelos portugueses nos séculos XVI e XVII, época em que ali (no Japão) exerceram comércio e tiveram alguma preponderância. A forma Japão é malaia e não chinesa, por ser o malaio costeiro a língua geral no sul e oriente da Ásia. Em 1934, por força de lei, o nome oficial do país ficou sendo Nippon. Hoje, Japão.

· Coréia. Substantivo feminino. País da Ásia. No D.E.L.P. de Antenor Nascentes, vemos que J.J. Egli, em *Nomina geographica*, deriva do chinês Kaoli, em japonês Koorai. No coreano vernáculo significa país da manhã serena.

